

Marcelo Máximo Purificação
Ivonete Barreto de Amorim
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)



Filosofia: Aprender e Ensinar 2

Atena
Editora

Ano 2020

Marcelo Máximo Purificação
Ivonete Barreto de Amorim
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)



Filosofia: Aprender e Ensinar 2

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F488 Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Ivonete Barreto de Amorim, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-06-1

DOI 10.22533/at.ed.061200402

1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Amorim, Ivonete Barreto de. III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da.

CDD 142.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro Filosofia: Aprender e Ensinar 2 é uma obra elaborada em várias mãos, cujo resultado, são textos acadêmicos que permeiam o campo da filosofia e as possíveis contribuições dessa área do saber para a Educação. Aprender e ensinar, são o verso e o reverso de um processo que tem no centro a filosofia e a educação, estabelecendo uma relação dialógica entre si. Uma relação, pela qual deve transitar também, a ação colaborativa e participativa do ato de fazer, tornando assim, uma ação coletiva.

O livro, está organizado em cinco capítulos pelos quais perpassam os temas: As iluminações literárias de Walter Benjamin em o Surrealismo; Complexidade e outros paradigmas – introdução à análise comparativa; Games e gamificação como estratégia de aprendizagem filosófica; O ensino de filosofia e as possíveis formas e funções do livro didático e, Progresso, memória e identidade entre o moderno e o pós-moderno: um diagnóstico do tempo perdido. Isto dito, percebe-se que esta obra, tem forte potencial de socialização do conhecimento e bravas contribuições para área da Ciências Humanas, podendo assim potencializar o pensamento de professores, estudantes e todos que buscam alargar o diálogo com a Filosofia.

Desejamos a todos e todas, uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação

Ivonete Barreto de Amorim

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS ILUMINAÇÕES LIBERTÁRIAS DE WALTER BENJAMIN EM O SURREALISMO	
Matheus Silveira dos Santos	
Ana Maria Oimenta Hoffmann	
DOI 10.22533/at.ed.0612004021	
CAPÍTULO 2	14
A COMPLEXIDADE E OUTROS PARADIGMAS – INTRODUÇÃO À ANÁLISE COMPARATIVA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0612004022	
CAPÍTULO 3	23
GAMES E GAMIFICACAO COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM FILOSÓFICA	
Mateus Geraldo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.0612004023	
CAPÍTULO 4	47
O ENSINO DE FILOSOFIA E AS POSSÍVEIS FORMAS E FUNÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO	
Valmir Pereira	
Franklin Silva Pontes	
DOI 10.22533/at.ed.0612004024	
CAPÍTULO 5	56
PROGRESSO, MEMÓRIA E IDENTIDADE ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO: UM DIAGNÓSTICO DO TEMPO PERDIDO	
Cleudson de Jesus Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.0612004025	
SOBRE OS ORGANIZADORES	69
ÍNDICE REMISSIVO	71

AS ILUMINAÇÕES LIBERTÁRIAS DE WALTER BENJAMIN EM O SURREALISMO

Data de aceite: 27/01/2020

Matheus Silveira dos Santos

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4877852Y9>

Ana Maria Oimenta Hoffmann

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4791499H4>

RESUMO: Trata-se de analisar o ensaio “O Surrealismo: O último instantâneo da inteligência europeia”, de Walter Benjamin, publicado em fevereiro de 1929 na revista Literarische Welt. O pensamento benjaminiano configura uma profunda análise do desenvolvimento dos princípios do surrealismo enquanto movimento estético e político. A pretensão é o estudo de alguns conceitos fundamentais sob os quais o ensaio se constrói, tal como a embriaguez, a iluminação profana e a aproximação do surrealismo com o comunismo e o anarquismo. Para uma melhor compreensão do movimento em seu desdobramento prático-teórico, serão abordados outros ensaios publicados pelos surrealistas na revista Le Libertaire (jornal da Federação Anarquista). Os ensaios contêm uma profunda análise sobre as vias políticas percorridas pelo movimento na Europa do século XX, período entre guerras caracterizado pelo nacionalismo emergente e a ascensão

do nazi-fascismo. O surrealismo, contra essa onda conservadora, apresenta uma questão política e traça uma questão importante para esta pesquisa: “o que faríamos nós com uma arte que não mudasse a vida?”. Para que sejam melhor compreendidos os elementos revolucionários e libertários do surrealismo, assim como os meios que esse movimento forneceu para mudar o mundo, é de grande valor interpretar os conceitos benjaminianos de embriaguez e iluminação profana; em suma, este é o foco central desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Surrealismo. Embriaguez. Iluminação profana. Anarquismo

THE LIBERTARIAN ENLIGHTENMENTS OF WALTER BENJAMIN IN THE SURREALISM

ABSTRACT: We analyze the essay “Surrealism: The Last Snapshot of the European Intelligentsia”, by Walter Benjamin, published in February 1929 in the journal Literarische Welt. Benjamin’s thought configures a deep analysis on the development of the principles of Surrealism, as an aesthetical and political movement. The intent is to study some fundamental concepts from which the essay constructs itself, such as intoxication, profane illumination and the pairing of Surrealism with Anarchism. Towards a better understanding of the movement in its practic-theoretical branch,

we will approach other essays published by Surrealists in the review *Le Libertaire* (a journal edited by the Anarchist Federation). The essays contain a profound analysis on the political paths the movement has taken in 20th century Europe, an interwar period marked by burgeoning nationalism and the rise of nazi-fascism. Surrealism, against this conservative tide, presents a political issue and delineates an important question for this work: “what would we do with a kind of art that did not alter life?”. So that the revolutionary and libertarian elements of Surrealism are best understood, as well as the means this movement has provided to change to world, it is invaluable to interpret Benjamin’s concepts of intoxication and profane illumination. The essay will reflect its own time, which is a period of transition in Benjamin’s work as a critic, when the philosopher will reformulate the concept of critique. To understand the politization of the movement, it is fundamental to shed light on its historicity. According to Adorno, History is inherent to aesthetical theory, and the critical theory of art tries to enlighten the historicity of aesthetical theory. In this research, we seek to outline the historical framework of surrealism and stick to the political path that the movement has followed. The surrealists wished to change life with the concepts of profane enlightenment and inebriation contained in the essays of Benjamin. After clarifying the concepts of profane illumination and inebriation, this work aims to study the proximity of surrealism with anarchism, and to that end the following books were used: *Theory of vanguard*, specifically the chapter on vanguard and engagement; the book *Surrealism and anarchism*; some of the *Theses on the concept of History*, by Benjamin, aided as they show the author’s antifascist viewpoint and point to a libertarian horizon. Further, we investigate Benjamin’s meaning behind “mobilizing the energies of inebriation towards revolution.” In summary, that is the central focus of this paper.

KEYWORDS: Surrealism. Intoxication. Profane illumination. Anarchism. Liberty

INTRODUÇÃO

Publicado em fevereiro de 1929 por Walter Benjamin na revista *Literarische Welt*, o ensaio *O Surrealismo* situa-se no fim da primeira fase do Surrealismo. Este ensaio remete ao político no seio de uma estética. As teorias estéticas, como a teoria da vanguarda, são marcadas pela época em que surgiam: o Surrealismo, tema deste artigo, nasce no século XX, período que assistiu a uma grande revolução tecnológica, industrial, urbana e cultural; ademais, emerge o nacionalismo e o nazifascismo entra em ascensão. Esse ensaio reflete o seu próprio tempo, e, com isso, o período de transição do trabalho de Benjamin como crítico, quando o filósofo começa a repensar qual o papel do intelectual e a reformular o próprio conceito de crítica. Para compreender a politização do movimento, é fundamental esclarecer sua historicidade. Segundo Adorno, a história é inerente à teoria estética, e a teoria crítica da arte se esforça no sentido de elucidar a historicidade da teoria estética (BÜRQUER, 2012, 45). Nesta exposição, pretendo traçar o contexto histórico do

Surrealismo e ater ao caminho político que o movimento percorreu.

Os surrealistas desejavam transformar a vida, e este ensaio busca vincular o desejo de mudar a vida com os conceitos de iluminação profana e embriaguez presentes no ensaio de Benjamin. Após esclarecer possíveis significados desses citados conceitos, em um segundo momento este ensaio visa aproximar o Surrealismo ao Anarquismo. Os surrealistas encontraram a necessidade de politizar seu movimento diante da hostilidade da burguesia às manifestações de liberdade espiritual, e, segundo Benjamin, foi essa hostilidade que impeliu o Surrealismo para a Esquerda. Pretendo elucidar os tais conceitos de embriaguez e iluminação profana a fim de esclarecer o significado do que Benjamin quis dizer com “mobilizar para a revolução as energias da embriaguez”, de modo explanar melhor o caminho necessário a ser percorrido para melhor compreensão da trajetória de politização do movimento. Com o intuito de transformar a aspereza do real em uma configuração especial, o Surrealismo subverte a banalidade da vida, segundo Michel Löwy:

[...] um movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminentemente subversiva de re-encantamento do mundo, isto é, de restabelecer, no coração da vida humana, os momentos “encantados” apagados pela civilização burguesa: a poesia, a paixão, o amor-louco, a imaginação, a magia, o mito, o maravilhoso, o sonho, a revolta, a utopia. Ou, se assim o quisermos, um protesto contra a racionalidade limitada, o espírito mercantilista, a lógica mesquinha, o realismo rasteiro de nossa sociedade capitalista industrial, e a aspiração utópica e revolucionária de ‘mudar a vida’. (LÖWY, 2002, p. 9)

A transformação da realidade e a ideia de revolução das formas de existência aparecem nos estudos de Benjamin sobre o Surrealismo e conduzem ao conceito de iluminação profana. Diz-se iluminação, pois se trata de uma espécie de revelação, fora do universo religioso, que permite ao sujeito ter acesso a uma nova forma de existência. Revelação esta que permitiria ao sujeito um novo olhar para o seu tempo, o que, por fim, poderia revelar vias que induziriam à transformação da realidade, em uma tentativa de reencantar um mundo marcado pelo mal-estar do pós-guerra e pela civilização burguesa. O Surrealismo, para além do domínio estético, buscaria a transformação da vida, questão que transluz no ensaio de Benjamin. Esta é a maneira como qual ele passa de um movimento literário para um movimento político-, portanto, uma obra com uma função social. Assim, o movimento surrealista pretende reencontrar a realidade em sua espessura total, trazendo a ideia de sonho não como algo descolado da realidade, mas como algo que amplia a realidade. Benjamin observa no ensaio *O Surrealismo* que, para os surrealistas, “a vida parecia ser digna de ser vivida apenas quando se dissolvia, em cada um, o limiar entre o sono e a vigília” (BENJAMIN, 2012, 22). Ou seja, para o filósofo, essa ideia permitiria que imagem e som se interpenetrassem em uma exatidão automática de forma tão venturosa que não sobraria nenhuma fresta para inserir o que é chamado de “sentido”. No intuito de

unir duas realidades aparentemente distantes, os surrealistas possuíam a ambição de superar as oposições artificiais, como o sonho e a revolução, uma vez que o Surrealismo visa abolir a oposição tradicional entre a ação e a palavra, sonho e realidade. Jean Schuster, escritor e poeta francês considerado elemento importante do movimento surrealista, dá ensejo à discussão sobre a insuficiência da realidade para os surrealistas. Schuster também escreve sobre sono e vigília, como pode ser observado em seu comentário abaixo:

O sonho não é o contrário da realidade. Ele é um aspecto real da vida humana, assim como a ação; e um e outra, bem longe de se excluírem, se completam. Mas, este aspecto, negligenciado ou voluntariamente relegado ao plano das superstições perigosas pela civilização atual (a das casernas, das igrejas e das delegacias contém os fermentos de revolta mais violentos por serem mais profundamente humanos, isto é, profanos). (COELHO, 1990, p.45)

Benjamin articula que as características da iluminação profana “são estranhamente associadas à dialética da embriaguez” (BENJAMIN, 2012, 25). A embriaguez estética não seria produzida apenas pelo uso de narcóticos, mas estaria inserida em uma espécie de desregramento dos sentidos que Rimbaud preconizava, e pode ser considerada como uma forma de apreender a realidade com outro olhar. Uma das formas de se pensar sobre a embriaguez é refletir sobre o significado da deriva: o *flâneur* é um derivante que experimenta a realidade de outra forma. Esse termo vem com o significado de *errante* ou *caminhante* - Benjamin chama os *flâneurs* “botânicos do asfalto” (BENJAMIN, 2015, 39). Em seu livro sobre Charles Baudelaire e a modernidade, o autor observa a poesia de Baudelaire e cita o *flâneur* como um arquétipo da experiência moderna nas grandes metrópoles: trata-se de um espectador do mundo urbano moderno, que observa a maneira como “a cidade muda mais rapidamente que um coração humano” (BENJAMIN, 2015, 209). Temos exemplos do que é a experiência do *flâneur* em *The Man of the Crowd* de Edgar Allan Poe, ou em *Les fables* de Baudelaire; por meio dessas obras é possível extrair algumas características do *flâneur*: um deambulante de passos lentos, com matizes de melancolia em seus movimentos e que percebe a cidade ao seu redor como um belo quadro a ser contemplado. Ele experimenta a vida em sua inesgotável riqueza de variações e, assim, tenta reencontrar o que há de maravilhoso no cotidiano envolto pelo movimento maquinal e frenético das multidões. Löwy observa em seu livro *A estrela da manhã* que o derivante experimenta uma embriaguez que devolve sua liberdade, pois não está entregue aos mesmos passos da racionalidade instrumental que busca sempre uma finalidade - igualmente essa uma forma de embriaguez. A embriaguez, para Benjamin, é também uma relação mágica do homem antigo com o cosmos. Essa relação pode ser encontrado no texto “A caminho do planetário”, do livro *Rua de mão única*, de Benjamin, onde o autor discorre sobre o vínculo que teria

se perdido na modernidade outrora. Sobre isso, Benjamin expõe: “A Terra pertencerá unicamente àqueles que vivem das forças dos cosmos” (BENJAMIN, 2012, 70). O que se pode interpretar disso é que o trato antigo com o cosmos se cumpre na embriaguez, e que somente na *comunidade* o ser humano poderia se comunicar em embriaguez com o cosmos. Tal experiência (*Erfahrung*) teria sido perdida na modernidade a partir da ascensão da técnica e da racionalidade instrumental. Haveria algum resquício daquela experiência cósmica antiga na contemporaneidade? Teria Benjamin reencontrado esse elo perdido no Surrealismo? Seria possível concluir que este movimento dispõe desta experiência cósmica? Essas indagações precisam ser pensadas com afinco. Para os surrealistas, era válida uma máxima da política poética: “Mobilizar para a revolução as energias da embriaguez”; ou seja, a embriaguez não consistiria meramente na ingestão de narcóticos, como já mencionado. O haxixe e o ópio poderiam servir de propedêutica, mas a embriaguez benjaminiana se dá em uma “iluminação profana, de inspiração materialista e antropológica”. Iluminação profana, pois como André Breton afirma em *Qu’est-ce que le surréalisme?* de 1934 que “o Surrealismo uma é certa predisposição não a transcender o real, mas a aprofundá-lo, a tomar uma consciência cada vez mais clara e ao mesmo tempo cada vez mais apaixonada do mundo sensível”. Isso também faz alusão à “revolta amarga e apaixonada contra o catolicismo em cujo bojo Rimbaud, Lautréamont e Apollinaire engendraram o surrealismo” (BENJAMIN, 2012, 23).

A revelação que a iluminação profana produz seria uma opção não religiosa no campo da subjetividade capaz de indicar as vias de revolucionar a realidade e a vida. O Surrealismo trouxe a ideia de uma mitologia moderna alternativa e profana ao pensamento religioso: “a atração dos surrealistas pelo mito deve-se também ao fato de constituir [...] uma alternativa profana ao domínio religioso sobre o universo do não racional” (LÖWY, 2015, 201). Por meio do pensamento mitológico e subjetivo o Surrealismo pretende reencontrar o maravilhoso no cotidiano e permitir assim outra relação com a vida, a partir de uma incursão pelo subjetivo e pela errância. O “Prefácio para uma mitologia moderna”, do livro *O Camponês de Paris* de Louis Aragon cria uma antítese ao *Discurso do método* de René Descartes. Esse Prefácio, ao subverter a lógica cartesiana e ocidental, sugere uma mitologia moderna, uma nova ciência e uma epistemologia que é própria da experiência surrealista. Aragon mostra a importância do erro para a evidência, pois a verdade supõe o erro: “compreende-se a luz apenas pela sombra” (ARAGON, 1996, 41). A nova dimensão de significações que é produzida por essa mitologia moderna traz novas revelações e permite a assimilação de outra forma de existência. As esfinges de *O Camponês de Paris* colocam ao leitor questões que permitem conhecer a sua própria interioridade. A mitologia moderna relaciona-se com a iluminação profana, portanto, pois ambas apontam outro olhar para a realidade e sugerem uma revolução em um tempo

de crise marcado pelo processo civilizatório moderno ocidental. Assim, o choque gerado pelas questões das esfinges modernas traz uma revelação que permitiria vir à tona uma nova visão de mundo. O autor, portanto, critica assim o racionalismo e o cartesianismo, e sugere uma maneira de ressignificar a existência a partir do encontro do maravilhoso no cotidiano e da criação de uma mitologia moderna. Essa iluminação é chamada de profana, portanto, pois pretende libertar o homem da mitologia religiosa, indicando a possibilidade de uma transcendência que é imanente ao sujeito, fora do domínio religioso e dentro do cotidiano e da vida do próprio sujeito. Neste sentido, a iluminação profana permitiria uma nova experiência da realidade, e é nesse sentido de transformação que as experiências surrealistas operam. Trata-se, assim, de uma experiência que visa ter um alcance revolucionário. A desordem produtiva que a literatura surrealista aborda se assemelha com os protocolos que Benjamin fez sob efeito de haxixe e mescalina. A iluminação profana relaciona-se com a dialética da embriaguez, na medida em que ambas as ideias remetem a uma nova forma de observar o mundo e de transformá-lo. A embriaguez benjaminiana possui várias formas, além das citadas, como a deriva; o próprio pensamento, para o filósofo, já é um narcótico eminente. Assim, Benjamin afirma: “O homem que lê, que pensa, que espera, o *flâneur*, pertence, do mesmo modo que o fumador de ópio, o sonhador e o ébrio, à galeria dos iluminados. E são iluminados mais profanos. Para não falar da mais terrível de todas as drogas – nós mesmos – que tomamos quando em solidão.” (BENJAMIN, 2012, 33)

O poder subversivo do Surrealismo é o de poder nos devolver a embriaguez sóbria que Benjamin discorria sobre. Portanto, para que o Surrealismo seja útil para a vida, é necessário reencontrar o seu elo anárquico perdido e não deixar que este se torne uma arte para agradar aos olhos da burguesia. O poder do Surrealismo estaria na revolta bêbada que ele incita. A embriaguez possui um sentido anárquico: Benjamin diz que a mobilização das forças da embriaguez para a revolução é sua tarefa mais autêntica. Para ela, não é suficiente que, conforme sabemos, um elemento de embriaguez esteja vivo em cada ato revolucionário. “Essa tarefa é idêntica à tarefa anárquica” (BENJAMIN, 2012, 33). Assim, é possível concluir que se trata de uma embriaguez de revolta, libertária por excelência, que pretenderia devolver a liberdade para o ser humano.

Segundo André Breton, “foi no negro espelho do Anarquismo que o Surrealismo se reconheceu pela primeira vez”(COELHO, 1990, 41). Para traçar um panorama histórico do movimento e de seu desdobramento político, ainda é fundamental entender as afinidades do Surrealismo com o Anarquismo. O conceito de embriaguez benjaminiana não possui apenas um caráter estético, como também elementos anárquicos que serão abordados no decorrer desta exposição. Benjamin formula de forma precisa e dialética que “O domínio da literatura foi explodido de dentro,

na medida em que um grupo homogêneo de homens levou a vida literária até os limites extremos do possível” (BENJAMIN, 2012, 22). Essa “explosão”, termo usado por Benjamin que agradava muito aos surrealistas e anarquistas, remete aos elementos libertários e revolucionários do movimento, com intuito de transformar as estruturas mentais e mudar a vida dos indivíduos que entram em contato com as obras. Jacques Sorel escreveu no *Le monde libertaire* nº103 em julho de 1964 que “o Surrealismo e o Anarquismo têm mais de um ponto em comum que lhes dão um poder detonador preciso e permanente.” Há vários pontos em comum que são facilmente cooptáveis entre os surrealistas e os anarquistas, a revolta, a liberdade, o antipatriotismo, a destruição dos valores conservadores, o desejo da revolução e a contundente aspiração de transformar a vida.

O esclarecimento dos possíveis significados da embriaguez benjaminiana e sua relação com a iluminação profana ilustra como a literatura pode ser transformada conforme este estado de espírito. Benjamin considera o livro *Nadja*, de André Breton, uma obra muito apropriada para ilustrar alguns traços fundamentais dessa iluminação profana (BENJAMIN, 2012, 24). A obra *Nadja* traça as experiências surrealistas que indicam um caminho revolucionário que vai além do domínio da literatura. Benjamin descobre, em *Nadja*, o poder de um anarquismo libertário e insurrecional capaz de abalar a ordem estabelecida das coisas (GATTI, 2009, p.87). Essa obra, além de auxiliar a compreensão dos conceitos de iluminação profana e embriaguez, parece também discutir a hipótese de apontar em direção aos vínculos do Surrealismo com o Anarquismo. Os ensaios da revista *Le Libertaire* também ajudam a perceber isso. Os conceitos de embriaguez e iluminação profana se conectam com outros textos de Benjamin, como seus escritos sobre o haxixe; e sua afinidade com o Surrealismo transparece claramente em *Rua de Mão Única*, já que o livro possui elementos oníricos, reflexões sobre o papel do intelectual, entre outros pontos semelhantes. Em suma, um estudo mais aprofundado acerca do ensaio sobre o Surrealismo suscita uma via de iniciação no pensamento benjaminiano. Há no ensaio de Benjamin uma ambígua empatia com o Anarquismo e a embriaguez que pode ser analisada mais profundamente para uma possível leitura de viés mais libertário. Apesar das interpretações marxistas do ensaio *O Surrealismo*, o Anarquismo continua sendo um caminho alternativo no pensamento de Walter Benjamin.

A tradição dos oprimidos, como Benjamin observa em suas teses sobre o conceito de História, mostra o esforço para livrar o ser humano dos entraves políticos, espirituais e econômicos que o tem mantido aprisionado ao decorrer do tempo. A luta pela liberdade foi sempre sustentada pelos oprimidos, contra todos aqueles que são detentores dos privilégios. Ao mesmo tempo em que uma classe luta para se libertar da dominação, está também lutando pela liberdade humana; é o anseio dos oprimidos, enquanto, do outro lado, os inimigos da liberdade buscam apenas defender seus

privilégios. Há um ponto de encontro primordial entre o Anarquismo e o Surrealismo: a busca pela liberdade. Os anarquistas são os únicos a defender completamente a liberdade, pois buscam a abolição do Estado e de todas as formas de opressão do homem pelo homem. O Surrealismo entraria em cena para transformar as estruturas mentais e para livrar o homem da servidão, da alienação e da reificação. Trata-se de um processo alquímico que transforma as maneiras de pensar e agir do sujeito a partir do seu contato íntimo com o inconsciente, e também o contato com obras de arte que contestam a guerra, o autoritarismo e o nazismo ascendente. Quando o fascismo emergiu, as pessoas que viveram na conjuntura do entre guerras estavam despreparadas, tanto na teoria quanto na prática: assim, os surrealistas pretenderam mobilizar, para a revolução, as energias da embriaguez e da revolta e desprender os oprimidos dos anelos da submissão cega às autoridades. Um verdadeiro despertar dos oprimidos. A ameaça mais grave à humanidade não seria apenas a existência de Estados totalitários, mas sim a existência de atitudes que asseguram a vitória de tais autoridades e a dependência de um soberano. Há um campo de batalha em nossa interioridade que necessita de uma disciplina revolucionária para que sejam alteradas as estruturas mentais, em nome da hegemonia popular e da liberdade da humanidade. Em suma, para que o Surrealismo e o Anarquismo sejam pensados em consonância, portanto, é de extrema importância a reflexão sobre o conceito de liberdade.

A filosofia crítica de Walter Benjamin tentou abordar o Surrealismo assimilando-o, em alguns momentos, ao Anarquismo. Um dos pontos de partida de seu ensaio é uma investigação acerca do conceito de liberdade, retirando a aparência superficial de que o Surrealismo trataria tão somente de um movimento “artístico” ou “poético”. É importante ressaltar que, para além das conquistas no domínio poético, o Surrealismo também toma partido nas questões sociais. Mais precisamente, trata-se de um movimento profundamente libertário. Unindo a política e a poética, o Surrealismo mostra de que forma a imagem pode desempenhar uma função revolucionária: por exemplo, ao expor o envelhecimento dos objetos e pressentir as energias revolucionárias que transparecem no “antiquado”; por meio das ruínas da modernidade, faz emergir a urgência de um retorno revolucionário, o que gera uma possibilidade de superação da realidade e de redefinição da dimensão política da arte.

Benjamin diz que, para o Surrealismo, nada é mais revelador que as energias revolucionárias que transparecem nos objetos “antiquados”. Benjamin aponta que os surrealistas compreenderam melhor do que ninguém a relação entre esses objetos “antiquados” e a Revolução: “Antes desses videntes e intérpretes de sinais, ninguém havia percebido de que modo a miséria, não somente a social como também a arquitetônica, a miséria dos interiores, as coisas escravizadas e escravizantes,

transformam-se em niilismo revolucionário.” (BENJAMIN, 2012, 25). O truque que Benjamin percebe é que precisamos trocar o olhar histórico sobre esses objetos antiquados e envelhecidos por um olhar político, a fim de emergir uma potência revolucionária. Esse é o papel da iluminação profana e da mitologia moderna: trocar o olhar alienado sobre os objetos por um olhar político e crítico.

A perspectiva do ensaio de Benjamin sobre o Surrealismo encara o movimento em uma estreita ligação com o Anarquismo. Benjamin relata, em uma carta escrita ao seu amigo Gershom Scholem, que, ao comentar sobre política, já expõe sua posição política: “Falamos também um bocado de política e socialismo; sobre o último, tínhamos grandes reservas, bem como sobre a posição do indivíduo na sua central realização. Para nós, o anarquismo teórico ainda era a resposta mais sensível à política.” (SCHOLEM, 2008, 91). O jovem Benjamin, na busca de uma alternativa ao capitalismo, inspirou-se no pensador anarquista Gustav Landauer, teórico anarquista alemão do fim do século XIX que inspirou os textos de Benjamin. Em um primeiro momento, Benjamin possui afinidades revolucionárias que se orientam em direção ao Anarquismo e anarcossindicalismo; é após ler *História e Consciência de Classe* (1923), de Lukács, que Benjamin muda seu pensamento político.

O importante é ressaltar que o Anarquismo sempre foi uma via possível no pensamento benjaminiano, o que aparece de forma contundente em seu ensaio sobre o Surrealismo. Se for a partir da imaginação que o Surrealismo pretende exprimir o funcionamento real do pensamento, na ausência da coerção exercida pela razão, e sem preocupações estéticas, então a sua escolha política-ideológica passa a se alinhar com a “utopia” libertária do Anarquismo. Pois ambos, Surrealismo e Anarquismo, criticam a tríade “Estado-Trabalho-Religião” e propõem a urgência de uma revisão das doutrinas, com o intuito de fazer emergir uma teoria que seja capaz de impulsionar uma revolução social. Marie Dominique Massoni, principal inspiradora de tais iniciativas, escreveu na apresentação de uma exposição, em 1996: “Insubmissão: a imaginação ateia fogo à pólvora. Sem ela, nenhuma revolta se mantém.” (LÖWY, 2002, 102). Tanto os anarquistas como os surrealistas condenam os regimes políticos em vigor: sistemas capitalistas, democracias burguesas, totalitarismos. Ambos, Anarquismo e Surrealismo, pregam a ação autônoma dos trabalhadores.

No manifesto do Surrealismo de 1924, Breton escreve: “A palavra *liberdade* é a única que ainda me exalta(...) Ela responde, sem dúvida alguma, a minha única aspiração legítima.” (BRETON, 2001, 17). Ao analisar com ênfase essa declaração, pode-se compreender melhor a estreita ligação dos surrealistas com o Anarquismo. Os libertários defendem a primazia do julgamento e da liberdade dos indivíduos e são contra todo emparelhamento de repressão do Estado e de autoridades. Sendo assim, a liberdade é um conceito chave para entender as afinidades

revolucionárias do Surrealismo. Ao tratar desse tema, é de suma importância ater-se às suas características políticas e emancipatórias. Benjamin utiliza o conceito de iluminação profana para abordar a transformação da experiência, e logo indica o papel do intelectual na transformação da sociedade. Assim, a revolução não pode ser desvelada com tranquilidade, delicadeza ou amabilidade; mas é um motim, movimento de embriaguez, ato violento por meio do qual uma classe derruba outra. A embriaguez que Benjamin trata em seu ensaio é uma embriaguez de revolta, e Benjamin diz que essa tarefa é idêntica à tarefa anárquica. Associando a liberdade à revolta, Mikhail Bakunin em seu célebre livro intitulado *Deus e o Estado*, começa seu discurso da seguinte forma:

Três elementos ou três princípios fundamentais constituem, na história, as condições essenciais de todo desenvolvimento humano, coletivo ou individual: 1º, a animalidade humana; 2º, o pensamento; 3º, a revolta. À primeira corresponde propriamente a economia social e privada; à segunda, a ciência; à terceira, a liberdade (BAKUNIN, 2011, p.37).

A revolta é uma palavra plebeia que possui significados numerosos, desde segunda volta até confusão e mistura de uma coisa com outra. É associada à desordem e ao desregramento. A revolta dissolve as distinções em uma massa informe; é o retorno à natureza, à igualdade. E, para Bakunin, “só sou verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres, forem igualmente livres”. A liberdade só existe junto à igualdade, e, para alcançar esse fim, a revolta é fundamental. O Surrealismo mostra que é importante manter o espírito insatisfeito que semeia a confusão para derrubar a ordem burguesa vigente. *Nadja* é um livro apropriado para ilustrar a iluminação profana, pois Breton o descreve como um “livre à porte battante”, ou um “livro de portas batentes”. Trata-se de uma experiência semelhante a de estar em um motim, onde as vias de se percorrer as ruas da cidade são ditadas pelos tiros, bombas de gás, coquetéis molotov, e essa também seria, então, uma forma de embriaguez.

No livro *Nadja*, Breton narra o espírito libertário no seguinte fragmento:

Odeio com todas as forças essa servidão que querem me fazer aceitar. Lamento que o homem esteja condenado a ela, que em geral não possa se ver livre dela, mas não é a dureza da pena que vai me dispor em seu favor: é, e só poderia ser, a veemência de seu protesto. Sei que no forno de uma fábrica, ou diante de uma dessas máquinas inexoráveis que impõem o dia inteiro, com alguns segundos de intervalo, a repetição do mesmo gesto, ou em qualquer outro lugar, sob as ordens mais inaceitáveis, ou na prisão, ou diante de um pelotão de fuzilamento, mesmo assim podemos nos sentir livres, mas não é o martírio que sofremos que cria essa liberdade. Eu quero que a liberdade seja uma permanente quebra de grilhões: contudo, para que essa quebra seja possível, constantemente possível, é necessário que as correntes não nos esmaguem, como fazem com muitos daqueles a quem se refere. Mas a liberdade também é, e humanamente talvez ainda mais, uma sequência de passos mais ou menos longa, porém maravilhosa, que o homem pode dar fora dos grilhões (BRETON, 2007, p. 68-69).

O Anarquismo é uma ideologia que emerge das lutas dos grupos marginalizados no final da década de XIX. Sua teoria e prática buscam uma sociedade igualitária em oposição ao sistema capitalista. O Surrealismo, portanto, é historicamente semelhante em suas ambições por liberdade. Piotr Kropotkin, grande teórico do Anarquismo, em *O princípio anarquista*, escreve que “os anarquistas são os únicos a defender por inteiro o princípio da liberdade.”

“Observai à vossa volta. O que restou de todos os partidos que outrora se anunciaram como partidos eminentemente revolucionários? — Só dois partidos estão em oposição: o partido da coerção e o partido da liberdade; os anarquistas, e, contra eles, todos os outros partidos, qualquer que seja sua etiqueta. É que, contra todos esses partidos, os anarquistas são os únicos a defender por inteiro o princípio da liberdade. Todos os outros se gabam de tornar a humanidade feliz mudando ou suavizando a forma do açoite. Se eles gritam ‘abaixo a corda de cânhamo da força’, é para substituí-la pelo cordão de seda, aplicado no dorso. Sem açoite, sem coerção, de um modo ou de outro, sem o açoite do salário ou da fome, sem aquele do juiz ou do policial, sem aquele da punição sob uma forma ou outra, eles não podem conceber a sociedade. Só nós ousamos afirmar que punição, polícia, juiz, salário e fome nunca foram, e jamais serão, um elemento de progresso; e se há progresso sob um regime que reconhece esses instrumentos de coerção, esse progresso é conquistado contra esses instrumentos, e não por eles.” (KROPOTKIN, 2012, p.36)

Para Adorno, a obra de arte vanguardista é a única expressão autêntica possível do atual estado do mundo. O autor considera a obra de arte vanguardista como a “expressão historicamente necessária da alienação na sociedade do capitalismo tardio” (BÜRGER, 2008, 170). As obras de arte vanguardistas desnudam as contradições da sociedade do presente, e as categorias das teorias estéticas são radicalmente históricas, segundo Adorno. Para ele, as obra de arte são:

“a historiografia inconsciente da essência e da excrescência históricas” [...] compreende a arte vanguardista como protesto radical de oposição a toda e qualquer falsa reconciliação com o existente, sendo, por conseguinte, a única forma de arte historicamente legítima. (BÜRQUER, 2008, 172-3)

A aporia que aparece ao se pensar o efeito social das obras e sobre a ciência materialista da literatura é o efeito político das obras de arte vanguardistas na esfera da práxis vital. Em outras palavras, seria então o caráter de protesto das obras surrealistas inócua em relação às reais forças de oposição que trabalham na superação do capitalismo, abstrato e sem perspectiva histórica? Ou se trataria isso de uma oposição a toda e qualquer falsa reconciliação com o existente, sendo a única forma de arte historicamente legítima? Esse é o debate que é posto ao se pensar a vanguarda e o engajamento. Por sua rejeição revolucionária da sociedade capitalista, o Surrealismo coincide historicamente com o pensamento libertário, ao nível político. Os surrealistas tinham a pretensão da criação de uma “organização comum dos

artistas revolucionários contra o fascismo, o stalinismo e o sistema capitalista: a Federação Internacional pela Arte Revolucionária Independente” (LÖWY, 2002, 74).

A função histórica do Surrealismo, portanto, seria a oposição às formas alienadas de existência a partir de uma revolução do espírito, que seria alcançada pela iluminação profana. As obras de Benjamin possuem um teor libertário que realmente precisa ser observado com mais atenção. Em suas teses sobre o conceito de História, é possível observar o espírito libertário que Benjamin percorre em seus escritos ao longo de toda a vida. Benjamin enfatiza que “o ‘estado de exceção’ (‘*Ausnahmezustand*’) em que vivemos é a regra. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a esse ensinamento (...) com isso nossa posição ficará melhor na luta contra o fascismo” (BENJAMIN, 2012, 245). A posição libertária e antifascista do autor é nítida em seus escritos e, para construir esse conceito que nos auxiliará na luta contra o fascismo, é de extrema importância manter sempre aceso o transe bêbado da revolta que era exaltado pelos surrealistas.

CONCLUSÃO

A síntese anarquista-surrealista está em declínio. A proposta surrealista consiste em, a partir do terreno sensível, transformar as estruturas mentais. É preciso reencontrar uma poética e uma ética que sejam capazes de operar essa transformação, e que essas obras estejam de acordo com as expressões e os anseios das massas em nome da liberdade. Criar uma sociedade sem classes, sem Estado, em que as aspirações humanas possam se realizar e que o ser humano possa a vir dispor inteiramente de si mesmo é um objetivo a ser almejado. O Surrealismo precisa sair da condição de arte palatável para os olhos da burguesia e reencontrar o transe bêbado da revolta. É necessário devolver o maravilhoso para o cotidiano e reestabelecer no coração da vida humana o anseio pela liberdade. É preciso lembrar a história do movimento, história essa de oposição à sociedade capitalista, e não se esquecer de sua veia e suas raízes libertárias, mobilizando esses conceitos e ideias para uma ação que transforme a sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAGON, L. **O Camponês de Paris**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

BENJAMIN, W. “O Surrealismo”. In___: **Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

_____. **Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Sobre o haxixe e outras drogas**. Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Baudelaire e a modernidade**. Trad. João Barrento, São Paulo: Autêntica, 2015.

BÜRGER, P. **Teoria da Vanguarda**. Tradução de José Pedro Antunes. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2012.

BRETON, A. **Nadja**. Tradução: Ivo Barroso, São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Manifestos do Surrealismo**. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

COELHO, P. A. **Surrealismo e anarquismo: “bilhetes surrealistas” de Le Libertaire**. São Paulo: Editora Imaginário, 1990.

GATTI, L. **Walter Benjamin e o Surrealismo: escrita e iluminação profana**, Artefilosofia nº6.

GUINSBURG, J.; LEIRNER, S. (Orgs.). **O Surrealismo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

KROPOTKIN, P. **O princípio anarquista e outros ensaios**. Trad. Plínio Coelho, São Paulo: Editora Hedra, 2007.

LÖWY, M. **A estrela da manhã**. Tradução Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. Trad. Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Anarquismo 1, 3, 6, 7, 8, 9, 11, 13

Aprendizagem 23, 24, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 46, 51

C

Comparativo 14

Complexidade 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 38

E

Embriaguez 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10

Ensino de filosofia 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 53, 54, 55

G

Games 23, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44

Gamificação 23, 26, 27, 28, 29, 34, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 46

H

História da filosofia 26, 40, 42, 46, 47, 53

I

Identidade 26, 56, 62, 67, 68

Iluminação profana 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13

L

Livro didático 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55

M

Memória 40, 56, 69

Método 5, 14, 17, 19, 22, 39, 45, 60

P

Paradigma 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 39, 64

Pnld 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

Progresso 11, 21, 31, 56, 57, 59, 60, 63, 64

S

Surrealismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

T

Transposição didática 47, 51, 52, 55

 **Atena**
Editora

2 0 2 0